



O ESTÁGIO DE OBSERVAÇÃO COMO UM MEIO DE ANÁLISE DO ESPAÇO-TEMPO ESCOLAR E REFLEXÃO DA FORMAÇÃO DOCENTE

Eduardo Soares da Siva

Universidade Estadual da Paraíba-UEPB
email: eduardofla358@gmail.com

Orientadora: Josandra Araújo Barreto de Melo

Universidade Estadual da Paraíba-UEPB
email: ajosandra@yahoo.com.br

RESUMO

Em um curso de licenciatura, o estágio possibilita a análise e reflexão dos espaços e tempos escolares, assim como o comportamento de agentes educacionais, o próprio sistema de ensino, e as metodologias, recursos e conteúdos praticados por professores. Portanto, é o momento de observar na prática o que foi ensinado na universidade. O estágio é manter relações de ensino-pesquisa, teoria-prática, escola-universidade. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é mostrar como o estágio de observação é importante para a verificação das relações existentes entre os agentes educacionais, que formam o sistema escolar e como a relações entre eles acontece no espaço-tempo escolar. A metodologia de observação serviu, através da análise das aulas em uma turma do Ensino Fundamental II, da estrutura da escola e das dinâmicas que ocorrem no ambiente escolar para fazer uma crítica ao mesmo e refletir sobre a prática e a formação docente. Os autores consultados, as coletas de informações sobre a turma escolhida para observação e sobre a estrutura da escola deu possibilidade para caracterização e interpretação de dados e a conclusão de certos comportamentos e dinâmicas que ocorrem nos agentes educacionais, principalmente professores e alunos. O trabalho está estruturado em introdução, com um aparato teórico sobre o estágio, seguida da caracterização da escola e da turma que foi observada, com a relação entre os agentes educacionais e o espaço-tempo escola, concluindo com os resultados alcançados com as observações feitas e as discussões sobre a realização do estágio. Palavras Chave: Estágio de observação, Ensino de Geografia, Espaço-Tempo escolar, agentes educacionais.

1. INTRODUÇÃO

O estágio em um curso de licenciatura se torna uma indispensável técnica de observação, análise, debate e principalmente reflexão sobre a formação e a prática escolar de um professor. É impensável para a formação de um docente, a não existência do estágio, sendo este o principal método científico e humano para uma relação universidade e escola, teoria e prática, pesquisa e ensino.

Diante das inúmeras dificuldades teórico-metodológicas que a Geografia enfrenta, tanto no meio acadêmico quanto no espaço escolar, o estágio possibilita uma maior conexão e indução ao



pensar docente e a sua formação, colocando em prática o que se aprendeu na teoria ou mesmo construindo novas bases teóricas para uma melhor prática escolar. Segundo Santos (2013, p. 59) o estágio seria todas “as atividades de aprendizagem social profissional e cultural, proporcionadas ao estudante pela participação em situações reais de vida e trabalho”.

Segundo Richter (2013) o estágio supervisionado é uma oportunidade para o licenciando em Geografia construir uma nova percepção acerca da escola, não mais como alunos, mas como futuro professor. Enfatiza que este processo é formativo e também de pesquisa, pois permite o estudante refletir sobre a realidade desta profissão.

O estágio se configura como um intermediário entre a formação e a prática docente, portanto, é neste momento que vem à luz tudo ou a maioria do referencial teórico visto no meio acadêmico, é quando o licenciando vai perceber as dificuldades, práticas, metodologias e conteúdos que foram estudados nas disciplinas de formação de professores e analisar quais foram as praticadas, correspondidas e as que não deram certo. Porém, nem tudo que se aprende na universidade é visto nas aulas de Geografia, assim como o referencial teórico estudado muito das vezes é insuficiente e pouco compreendido, o que torna difícil um bom resultado, principalmente na formação do professor.

Portanto, a proposta deste trabalho é mostrar as ações realizadas no período em que foi desenvolvido o estágio supervisionado, na escola Anésio Deodônio Moreno, no município de Arara-PB, como recurso para cumprimento da disciplina de estágio de observação do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB.

A partir destas observações foi obtido e analisado informações sobre o espaço físico da escola e da turma, assim como a análise dos comportamentos de funcionários, alunos e do professor de Geografia da turma escolhida, acarretando uma série de interpretações para uma reflexão da realidade escolar, profissional e de capital humano em que o licenciando em Geografia vai atuar.

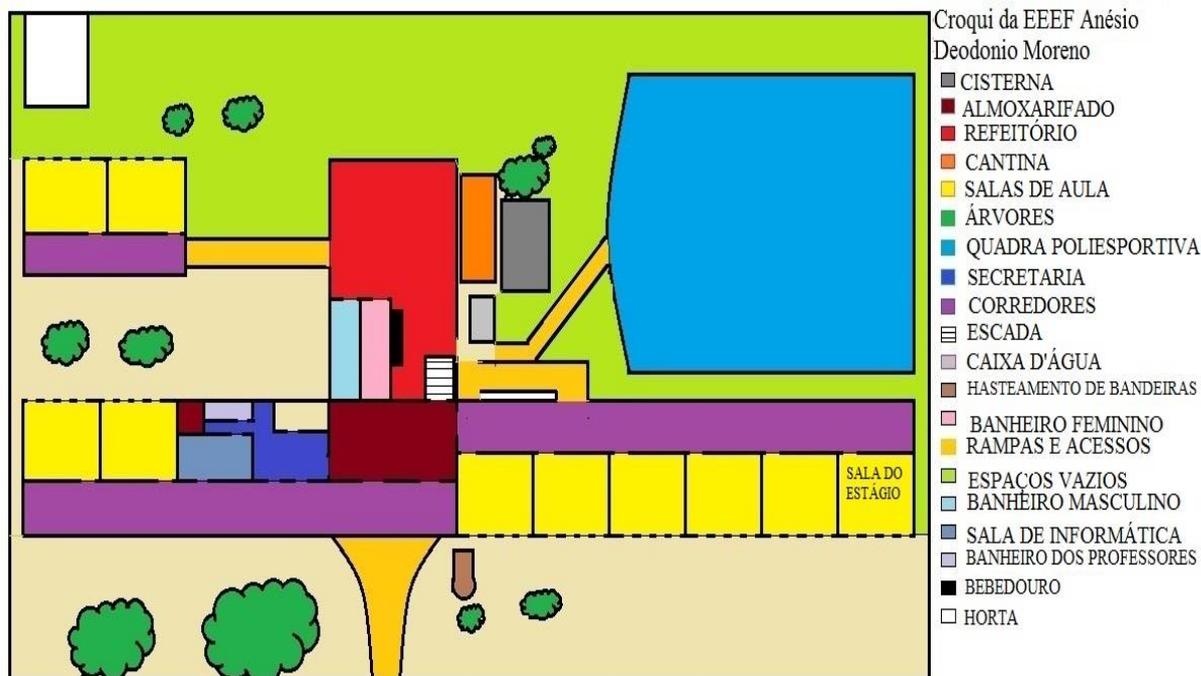
2. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A escola é uma rede de relações, um meio social, onde fluxos acontecem ou deveriam ocorrer. Todos os elementos de uma sociedade fazem parte da escola, ela é uma teia subjetiva, que pode ser percebida e passível de pesquisa e reflexão socioeducacional. Os principais elementos humanos que formam a escola vão desde corporações e estados nacionais até o aluno da periferia ou do campo, sem condições sociais e educacionais de sobreviver.

Os chamados agentes educacionais que, segundo Kimura (2010) são alunos, professores, gestores, pessoal de apoio, pais e comunidade em geral constitui os tempos e fluxos escolares, que junto com os recursos e a infraestrutura formam os espaços escolares. Entretanto, na maioria das escolas públicas brasileiras impera a falta do simples ao obrigatório, onde a insuficiência de infraestrutura, investimentos, segurança, desde social até alimentar, preparo e recursos pedagógicos, fazem das políticas públicas sistemas falhos, de muita repercussão, mas de poucos resultados positivos.

A escola Estadual de Ensino Fundamental Anésio Deodônio Moreno, localiza-se na Rua Hermes Lira, ponto central na cidade de Arara-PB, foi fundada em 1955, sendo a primeira escola do espaço urbano ararense, que despertou por muitos anos, principalmente durante o regime militar e até início dos anos 2000, prestígio e visibilidade, atendendo alunos de Arara-PB e de municípios vizinhos. Já abrigou os níveis de Ensino Infantil e Fundamental I, atualmente faz parte de seu sistema curricular o Ensino Fundamental II, nos turnos manhã e tarde e pala noite a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

FIGURA 1: REPRESENTAÇÃO DO CROQUI DA ESCOLA ANÉSIO DEODÔNIO MORENO



Fonte: Silva, E S & Silva, A A. Pesquisa de campo. Maio de 2017.

Fonte: Pesquisa de campo. Silva & Silva (2017).

No que se refere à estrutura física da escola do estágio a mesma possui um grande espaço, que não é aproveitado para reformas,

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



ampliação e outros investimentos, não possui auditório, sala de professores e sala de vídeo, onde quando necessitado é preciso improvisar áreas inapropriadas da escola, como quadra de esporte, refeitórios e até salas de aula. Existe uma biblioteca que contém livros didáticos e literários, mas que não são aproveitados pelos alunos por falta de interesse e motivação por parte da escola, os professores também pouco usam este espaço, estando na maior parte do tempo fechado. Esse caso também acontece com a sala de informática.

Foto: Corredor da escola, quadra de esportes e biblioteca.



Fonte: Silva (2017).

As salas de aulas são espaçosas, podendo conter em média 30 alunos, algumas são bem arejadas e outras, devido à posição geográfica referente o sol, tem um aumento de temperatura que dificulta a realização de atividades escolares. A iluminação e acústica são defeituosas por motivos de falta de reformas estruturais por parte do estado, reparos pela escola, zelo pelos alunos e por localizar-se na avenida principal da cidade, onde a poluição sonora é intensa.

É no refeitório onde se encontra a cozinha, para ser feito o lanche de alunos e dos funcionários, existindo também os banheiros para os



alunos. É um espaço de intensas relações, como diálogos, bullyngs, brincadeiras psíquicas e práticas, desde infantis como “toca a toca” até preconceitos e racismos, mostrando-se um lugar de conflitos, entre alunos, inspetores, diretores e professores.

Foto: Refeitório e área central da escola, que liga corredores de salas, quadra de esporte, banheiros e refeitório (espaço que serve em muitos casos de sala dos professores e auditório).



Fonte: Silva (2017).

Um exemplo prático ocasionado pela falta de estrutura de muitas escolas é a secundarização dos materiais pedagógicos, onde em uma escola que falta merenda, professores capacitados, infraestrutura e em contextos sociais precários um mapa, uma biblioteca com livros de geografia ou mesmo um tablet com aplicativos do Instituto Brasileira de Geografia e Estatística (IBGE) não serão nem cogitados.

Se as escolas públicas dotadas de tais condições são poucas, mais raras ainda são as escolas que dispõem de instrumental de informática colocando à disposição dos professores, e menos ainda dos alunos. Kimura (2010). A escola para o ano de 2017 não recebeu materiais didáticos como caderno e canetas, onde os alunos tiveram que adquiri-los por conta própria.

Talvez o livro didático seja o único material de muitas escolas, sendo até curioso, falta tudo menos livros didáticos, todavia o livro didático pode se dizer um alienante histórico, usado para um cooperativismo nacional. Na escola a disponibilidade do livro didático para o ano de 2017 foi aumentada devido ser data de uma nova remessa de materiais, porém a instituição já passou por momentos de falta de livros didáticos, falta de zelo e controle de perda dos mesmos, tanto por parte dos alunos quanto



dos demais agentes educacionais. A variedade de livros didáticos de geografia resume a duas ou três coleções, que nem sempre pode abarcar todos os alunos, onde a maioria estão desatualizadas. Contudo,

De outro lado, deve-se levar em conta um conjunto de condições apresentadas pela Escola Básica atual e pelas concepções de ensino desenvolvidas pelo professor. Este, em geral, expressa a necessidade de um livro didático. Kimura (2010, p. 21).

A hierarquia educacional, muito parecida com a hierarquia capitalista, pois é a escola que determina as desigualdades e subordinações sociais, faz do sistema educacional uma estrutura de ensino reflexo da sociedade que lhe mantém, técnica, mecânica, hierarquizada, burocrática e estressante. Portanto os espaços escolares poderão ser possibilidades e obstáculos na relação ensino aprendizagem, onde as relações de poder e a questão disciplinar são os meios encontrados no currículo de nossa educação para imperar o autoritarismo do momento atual do capital. Sendo assim, sobre a organização dos tempos e espaços escolares Kimura (2010, p. 27) diz que:

O tempo escolar, entendido aqui como o tempo total ou o conjunto de anos de escolarização de um nível de ensino, organiza-se em séries, ciclos ou módulos de ensino. Dependendo dessa organização, os processos de ensino-aprendizagem e de avaliação serão afetados. Assim, também, o tempo escolar pode definir o tempo destinado aos turnos e às aulas de cada componente curricular.

No caso do tempo escolar da turma escolhida com a geografia eram três aulas semanais de quarenta minutos cada, onde ao final do ano totalizam em média 120 aulas, divididos em quatro bimestres e com a obrigação de ter em cada bimestre no mínimo duas notas, sendo uma das avaliações um simulado bimestral. Sobre os espaços escolares a sala estava organizada da forma que os alunos quisessem, não existia um alinhamento das cadeiras e os espaços extra sala, como biblioteca não eram procurados nem cogitados.

O que se percebe é que toda essa estrutura de ensino interfere de forma negativa no ensino-aprendizagem, dificultando a organização de aulas, planejamentos temporais, atividades diversas, incluindo a pesquisa, aulas de campo, uso de tecnologia em sala ou fora dela entre outras dificuldades. As vezes

Pode parecer que estamos trazendo um tempestade de delírios, diante da situação precária das instalações físicas de muitas escolas públicas. Condições mais dignas para escolas são, nesse caso, o pré-requisito para pensarmos os aspectos educacionais da organização dos espaços e tempos escolares (KIMURA, 2010, p. 28).

3. A TURMA OBSERVADA

Os sujeitos observados foram alunos ingressantes no ensino fundamental II ou repetentes na série, a turma era o 6º (sexto) ano. Os

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



alunos são residentes de diversas ruas da cidade, algumas próximas e outras a mais de um quilômetro de distância, e de um distrito pertencente ao município de Solânea-PB, mas pela pouca distância até a escola recebe os alunos deste lugar. Os alunos não trabalham formalmente.

A idade dos alunos eram bastante variáveis, tinham desde pessoas próximas da maior idade a crianças. Ao todo a turma possui 18 (dezoito) discentes, sendo quatorze (14) meninas e apenas quatro (4) meninos. O que impressionou durante as observações, apesar da baixa quantidade de alunos na sala foi a falta de educação dos mesmos com eles próprios e com o professor de geografia, o relato destas observações podem ser analisadas nos roteiros de observação.

Foto: Carteira, porta e lâmpadas encontradas em sala.



Fonte: Silva (2017).

No que se refere à sala de aula, como pode ser observado na foto acima, o estado da mesma, que a mais de uma década não passa por reformas estruturais, mas que equipamentos como cadeiras e quadro são trocados em questão de alguns anos estão em baixa qualidade, as cadeiras estão rabiscadas, quebradas e fornecem risco aos alunos, a porta esta quebrada, não possui maçaneta e pedaços de madeira ajudam na sustentação da mesma, janelas estão escoradas e enferrujadas e algumas lâmpadas não funcionam.

4. REFLEXÕES ACERCA DA GEOGRAFIA ESCOLAR E DISCUSSÕES SOBRE PROCESSO DE REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



Sobre o ensino de geografia, as relações e teias sociais se intensificam, pois como é a ciência que tem como objeto de estudo o próprio ser humano e sua relação com a natureza e com si mesmo, o professor de geografia terá o papel especial de mostrar do ponto de vista geográfico todas as formas, estruturas e dinâmicas que acontecem dentro e fora dos muros escolares, pois

O ensino desta disciplina mantém sua relevância na escola de hoje desde que – com o esforço de professores, coordenadores e outros agentes envolvidos – se oriente por um projeto formativo que tenha claro o significado dos conteúdos geográficos na formação geral, e ocorra a mediação docente para construir, com os alunos, a consciência desse significado (CAVALCANTI, 2013, p. 46)

É difícil pensar o ensino de geografia sem refletir e questionar as faltas de relações que professores não proporcionam a geografia, onde só terá seus paradigmas em meios escolares quebrados e superados no momento que os agentes educacionais perceberem que não separa algo que se complementa, não separa a teoria da prática, o pensamento acadêmico do pensamento educacional, a pesquisa do ensino. A pesquisa aliais, é a principal, onde, é a partir desta que todas as ligações possíveis que a escola pode fazer com a sociedade em geral pode vir a tona. “Além disso, destacamos a importância da ação da pesquisa no fazer docente, com o objetivo de desenvolver uma reflexão sobre a prática e a construção de novas estratégias de ensino” (RICHTER, 2013, p. 110).

O professor, juntamente com os alunos são os principais agentes educacionais, todo sistema curricular, infraestrutura e os espaços e tempos escolares são organizados pensando nestes dois sujeitos, é impensável pensar a escola e em todas as relações, redes e hierarquias existentes sem o papel do professor e as dinâmicas dos discentes.

No que tange a função do professor é fundamental a pesquisa e o desenvolvimento de referencial teórico e práticas sobre diversos temas que envolvem os docentes, como as relações ensino-aprendizagem, teoria-prática, universidade-escola, formação continuada, uso de metodologias, linguagens, conceitos e recursos que faz do professor o ponto central e intermediário na vida de um aluno, sujeito social em formação, futura mão de obra e principalmente ser consciente de seus direitos e deveres.

Apesar do pouco tempo como professor, ele já domina em suas aulas metodologias arcaicas e ineficientes, a formação a distância prejudica o desenvolvimento profissional e isto é conhecido pelo próprio professor. O mesmo possui muita força de vontade e pretende



continuar como docente e adentrar em uma pós-graduação, mas é ciente das dificuldades que enfrenta.

Os recursos pedagógicos e as metodologias de ensino utilizadas pelo professor foram as mais simples e tradicionais possíveis, durante os dias de observação ficou aparente a falta de planejamento do docente; o mesmo tinha conhecimento e informações sobre os conteúdos porém as formas arcaicas de exposição das informações e as dificuldades de conduzir as aulas e de relacionar-se com alunos mostrou que um pouco de planejamento poderia ter ajudado no desenvolver destas.

As propostas metodológicas foram de aulas expositivas, com explicações diretas, pouco aprofundadas, sem conexões com os alunos como diálogos e atividades de pesquisa, a preocupação com a relação ensino-aprendizagem foi deixado de lado, pois aparentemente o interesse do docente com a percepção do conteúdo pelos discentes não era mostrada e em muitas vezes era escutado pelo estagiário reclamações proferidas pelo professor para com os alunos, como se os mesmos fossem os únicos culpados. Resumos do livro didático, escritos no quadro, contendo textos verbais e não verbais foram realizados, seguidos de repetição minemónica, como uma repetição do que já estava escrito, a procura por novas possibilidades de ensino outras formas de comunicar-se ou mesmo a utilização de outros recursos e metodologias não foi percebido pelo estagiário com o professor.

Os recursos utilizados durante as observações foram o livro didático e o quadro branco, novamente foi percebido a capacidade coginitiva do professor, em conversas informais e em relapsos de explicação mostrando-se conhecedor do que estava ensinando, todavia, devido a falta de planejamento, o cansaço aparente da carga horária de trabalho e a falta de interesse da turma colocavam obstáculos para uma melhor utilização dos recursos e até mesmo a possibilidade de uso de outros.

Portanto, pouco contribuíram na relação ensino-aprendizagem o uso de tais metodologias e recursos, só mostrou o simples na geografia pode ser complicado em uma sala de aula e como o tradicional, o cansativo e o decorativo ainda é muito presente nas mesmas, os temas trabalhados, riquíssimos em possibilidades de ensino ficaram a deriva e sendo assim concluiu-se que não foram entendidos pelos alunos em sua maioria. A escola, defasada de recursos e com uma cultura conservadora traz maiores dificuldades no ensino-aprendizado, desde pelas falhas estruturais, mas principalmente pela má administração dos baixos recursos que recebe e pela aparente desorganização disciplinar e pedagógica, deixando qualquer possibilidade de mudança mais difícil.



Entretanto, recursos já conhecidos e metodologias que em muitas escolas são cotidianas poderiam fazer do simples algo concreto e de maior capacidade de ensino-aprendizagem. O uso do Data Show, existente na escola, poderia ser utilizado para amostragem de imagens, vídeos e outros meios áudios visuais, não que este recurso seja o salvador da pátria, mas traria outras exposições além do livro didático e maior fornecedor de argumentos ao professor. O quadro poderia ser deixado de lado ou colocado apenas tópicos, que ensinados com autoridade atraia mais atenção dos alunos, o diálogo, a conexão entre o que os alunos sabem e o que eles precisam conhecer acabaria como barreira entre aluno-professor existente, mas o principal, que determinará todas estas práticas é o planejamento, sem ele fica difícil até fazer uma saudação em sala.

Com estas não tão inovadoras, mas questões obrigatórias de todo docente poderia pelo menos fornecer mais possibilidades de aprendizado e disciplina, pois o comportamento tão preocupante e criticado não pode ser mudado sem uma boa aula e a mesma da autoridade ao docente requerer respeito e ter o seu maior direito, ensinar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todo o processo que percorreu o estágio, ficou entendida a sua importância no processo de relação entre a formação docente, desenvolvida no espaço acadêmico e as relações sociais dos espaços e tempos escolares, assim como a reflexão sobre novas indagações, pensamentos e reflexões que sempre vão povoar o sistema e as estruturas escolares. Foram importantes as observações, conhecimentos e diálogos ao longo do estágio em meio escolar e acadêmico, onde através desses espaços foi possível manter uma relação entre teoria e prática, assim como o desenvolvimento da pesquisa.

Através dos encontros com o professor, as observações das aulas, o levantamento de dados sobre o espaço escolar e o convívio com as agentes educacionais foi possível refletir questões que devem permear o pensar do licenciando como o papel da escola na sociedade, o sistema de ensino, a realidade dos alunos e o espaço físico das instituições de ensino, outras temáticas, que em muitos casos são secundarizados, devem ser destacados para um futuro professor como os materiais pedagógicos, metodologias de ensino, conteúdos entre outros.

Um ponto fundamental, que foi bastante percebido durante o estágio é a relação professor-aluno, que se mostrou desgastada e bastante conturbada, os discentes estão constantemente entrando em conflitos e todos os agentes escolares passam a ser alvos de críticas e desafios ao qual não estão preparados.



Depois destas ponderações fica evidente como o estágio possibilitou o enxergar novas realidades e a concluir como a educação pública brasileira precisa de renovação urgente, ao mesmo tempo, colocou novos pensamentos e principalmente o surgimento perguntas ao futuro licenciado: Qual o papel do professor? Será este vilão ou mocinho da educação? O que mudar primeiro: o sistema de ensino ou melhorar a infraestrutura escolar? No fim, a principal conclusão que existe é que a educação é um fenômeno precário porque vivemos em sociedade em crise e enquanto não haver mudanças sociais a educação será sempre um espaço do desprazer e um tempo que para muitos é perdido.

REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. Escola, cotidiano e lugar. In: BUITONI, Marísia Margarida Santiago (Org.). **Geografia: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 25 – 42.

KIMURA, Shoko. Escola e ensino de Geografia. In: KIMURA, Shoko. **A Geografia no Ensino Básico: Questões e Propostas**. 2 ed. São Paulo: contexto, 2010. p. 14 – 43.

RANGEL, Maria Cristina. Estágio Supervisionado Obrigatório na Licenciatura em Geografia: Uma Proposta de Operacionalização. In: TRINDADE, Gilmar A.; CHIAPETTI, Rita J. N. (orgs.). **Discutindo a Geografia: Doze razões para se (re)pensar a formação do professor**. Ilhéus: Editus, 2007. p. 179 - 202.

RICHTER, Denis. Os desafios da formação do professor de Geografia: o estágio supervisionado e sua articulação com a escola. In: SILVA, Eunice Isaias da; PIRES, Lucineide Mendes (Org.). **Desafios da didática de geografia**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2013. p. 107 – 124.

Santos, Maria Francineila Pinheiro dos. O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA. IN: Albuquerque, Adailza Martins de & Ferreira, Joseane Abílio de Souza, organizadoras. João Pessoa: Ed.Mídia, 2013. p. 59-86.

KAERCHER, Nestor A. **Se a Geografia escolar é um pastel de vento o gato come a Geografia Crítica**. Porto Alegre: Evangraf, 2014. p. 82 – 84. Adaptado por David Luiz Rodrigues de Almeida.